

ENTRE O REAL E O ONÍRICO: O FANTÁSTICO DE MIA COUTO EM “O HOMEM CADENTE”

Rosana Gondim Rezende OLIVEIRA
Universidade Federal de Uberlândia
E-mail: rosa.gondim@gmail.com

Resumo: O homem tem se alimentado, através dos séculos, de seus próprios sonhos, sejam eles de caráter emocional ou material. Conscientes de que estes são o motor da existência humana, escritores de sensibilidade admirável vão além dos sonhos comuns e nos presenteiam com narrativas, cujo enredo se equilibra entre o onírico e o real, oferecendo-nos não somente um campo vasto e rico para estudos linguísticos e literários, como um veículo de catarse e compreensão da vida. Nossa proposta é analisar o conto “O homem cadente”, de Mia Couto, em cuja trama se observa uma fronteira que, em vez de separar, mescla sonho e realidade, trazendo o fantástico à tona. À medida que a atmosfera onírica delinea o fantástico, o narrador-personagem, ao observar o homem que cai, “pairando como águia real”, faz da realidade, sonho; e do sonho, realidade, conduzindo o leitor à hesitação, considerada nos estudos de Todorov. Habitando os dois mundos, a moça ? uma das personagens ? é o elo entre o fantástico e o real e, talvez, mais do que isso, entre a vida e a morte. Pretendemos, também, focalizar a capacidade inventiva do escritor na recriação linguística, fazendo metáfora do cotidiano, suscitando uma prosa poética em que se conjugam simplicidade e lirismo, tornando essa recriação de expressões populares da língua portuguesa uma recriação da própria realidade. Queremos, ainda, focalizar as indefinições de tempo e de espaço do enredo, que acentuam o caráter fantástico e suscitam o questionamento acerca das atopias e seus efeitos. Para tanto, a investigação das espacialidades e de sua relação com o fantástico será fundamentada pelos estudos de Michel Foucault. Recorreremos, também, a Tzvetan Todorov e a Louis Vax na consideração das questões relacionadas ao fantástico. E a Paul Valéry, em seus estudos sobre o sonho.

Palavras-chave: Mia Couto; conto; fantástico; onírico; literatura africana

“Também assim é a voz do poeta: um fio de silêncio costurando o tempo.” (Mia Couto)

Mia Couto (1955) estreou na literatura nos anos 1980 e pela engenhosidade de sua escrita, tornou-se um dos grandes escritores representantes da literatura africana de língua portuguesa. Sua trajetória pessoal conta-nos que ingressou na Faculdade de Medicina, mas a abandonou no terceiro ano, passando a exercer a profissão de jornalista. cursou Biologia e como biólogo, dirige a IMPACTO Ltda., empresa que faz estudos de impacto ambiental em Moçambique; é também professor de Ecologia em diversos cursos da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), atividades que concilia com a de escritor. É sócio correspondente, eleito em 1998, da Academia Brasileira de Letras, sendo o sexto ocupante da cadeira 5. Talvez pela

influência das ciências biológicas, suas obras assemelham-se a bússolas literárias que buscam caminhos para a existência humana em meio às falências sociais e espirituais.

Seu livro de contos, *O fio das missangas*, lançado em Portugal pela Editorial Caminho em 2003 e no Brasil, pela Companhia das Letras, em 2009, prova que o contista é realmente um ser especial, capaz de flagrar em um instante uma originalidade inventiva. Como bem afirmou Alfredo Bosi, “o contista é um pescador de momentos singulares cheios de significação. Inventar, de novo: descobrir o que os outros não souberam ver com tanta clareza, não souberam sentir com tanta força.” (1995, p.9). Por trás de situações cotidianas e personagens extremamente simples, encontramos reflexões profundas sobre a natureza sobre os comportamentos humanos, sobre a organização da sociedade.

Em se tratando de arte, é necessário aceitar que habitamos o espaço da ficção, portanto, sem compromisso aparente com a realidade, embora Mia Couto permita que esta se aflore com intensidade em meio às metáforas constantes, aos acontecimentos insólitos. Intencionalmente ou não, a literatura trabalha no cotidiano do homem, transformando comportamentos e relações. Segundo Beatriz Sarlo,

[...] a literatura é, pelo menos desde o século XIX, quase sempre incômoda e, por vezes, escandalosa. Acolhe a ambigüidade ali onde as sociedades querem bani-la; diz, por outro lado, coisas que as sociedades prefeririam não ouvir; com argúcia e futilidade, brinca de reorganizar os sistemas lógicos e os paralelismos referenciais; dilapida a linguagem porque a usa perversamente para fins que não são apenas prático-comunicativos; cerca as certezas coletivas e procura abrir brechas em suas defesas; permite-se a blasfêmia, a imoralidade, o erotismo que as sociedades somente admitem como vícios privados; opina, com excessos de figuração ou imaginação ficcional, sobre história e política; [...] falsifica, exagera, distorce porque não acata os regimes de verdade dos outros saberes e discursos. Mas nem por isso deixa de ser, a seu modo, verdadeira. (1997, p.28)

É o que faz Mia Couto em “O homem cadente”, conto que integra *O fio das missangas* e que aqui nos propomos a analisar. Em meio a uma prosa poética que se equilibra entre o real e o onírico, o autor focaliza a natureza humana, seus conflitos e seus anseios nas relações sociais, sobretudo, a capacidade do homem de sonhar e, quem sabe, através dos sonhos, transformar a realidade.

O conto é narrado em 1ª pessoa; de acordo com a terminologia de Genette, narrador homodiegético, isto é, conta uma história de quem participa e se destaca, mas não como protagonista. O primeiro período da narração já se apresenta como um recurso para despertar a curiosidade do leitor, uma vez que, além de já se iniciar com a complicação do enredo, a personagem sugere certo grau de incoerência em sua informação, quebrando a condição de normalidade dos fatos, à medida que diz estar Zuzézinho “caindo” do prédio:

Quando me vieram chamar, nem acreditei:
? É Zuzézinho! Está caindo do prédio.

E as gentes, em volta, se depressavam para o sucedido. Me juntei às correrias, a pergunta zaranzeando: o homem estava caindo? Aquele gerúndio era um desmando nas graves leis da gravidade: quem cai, já caiu. (COUTO, 2009, p.15)

Orientados pelas leis da física, sabemos que um corpo não pode estar caindo, mas simplesmente cai, assim, a gramática, coerente com o fato, não admite o gerúndio desse verbo, dada a situação em que ele se nos apresenta. O próprio narrador nos alerta para tal. Deparamo-nos, portanto, com um acontecimento insólito e a atmosfera de mistério e suspense evidencia-se pela presença do fantástico, gênero responsável pelo estranhamento, pela hesitação do leitor em aceitar ou não os acontecimentos. Estes, por sua vez, vão tomando uma proporção maior de estranhamento, pois o narrador-personagem, sendo amigo de Zuzé ? o homem cadente ? vai até o lugar do acontecimento constatar a triste notícia do suposto suicídio. Chegando lá, fica sabendo que o velho amigo atirara do prédio na noite anterior, mas “o povo só notara no dia seguinte” (COUTO, 2009, p.15). O mistério acentua-se ao fitar os céus: “lá estava, pairando como águia real, o Zuzé Neto. O próprio José Antunes Marques Neto, em artes de aero-anjo. Estava caindo? Se sim, vinha mais lento que o planar do planeta pelos céus.” (COUTO, 2009, p.15)

Todorov, em sua obra “Introdução à Literatura fantástica”, aponta três condições necessárias para que o fantástico esteja presente:

Primeiro é preciso que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo das personagens como um mundo de criaturas vivas e a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados. A seguir, esta hesitação pode ser igualmente experimentada por uma personagem; desta forma o papel do leitor é, por assim dizer, confiado a uma personagem e ao mesmo a hesitação encontra-se representada, torna-se um dos temas da obra; no caso de uma leitura ingênua, o leitor real se identifica com a personagem. Enfim, é importante que o leitor adote uma certa atitude para com o texto: ele recusará tanto a interpretação alegórica quanto a interpretação ‘poética’. (2007, p. 38-9)

Embora Todorov também afirme que a primeira e a terceira condição constituem verdadeiramente o gênero fantástico e que a segunda pode não ser satisfeita, constata-se a existência das três no conto em questão. *A priori*, concebemos o mundo em que se desenrola o enredo como de criaturas vivas, a propósito, a curiosidade do público diante do fato, o burburinho gerado entre os espectadores e o que é próprio dessas situações: a tentativa de explicar o “fenômeno”. E, nesse aspecto, entra a habil inventiva do escritor de associar o fantástico ao humor ? recurso inovador ? , pois as explicações traduzem-se em críticas sociais permeadas de certa comicidade:

Que aquilo provinha de ele ter existência limpa: lhe dava a requerida leveza. Fosse um político e, com o peso da consciência, desfechava logo de focinho. Outros se opunham: naquele estado de pelicano, o cidadão fugia era de suas dívidas. Ninguém cobra no ar.

[...]

Se nem na terra se comia nas vigentes condições, quanto menos nas nuvens. A mim me abalava era a urgência de meter mãos na obra. Alguém devia fazer a certa coisa. E gritei, entre os zunzuns:

? Chamaram os bombeiros?

Sim, mas estavam em greve. Estivessem no activo faria pouca diferença: eles não tinham carros, nem escada, nem vontade. Eram, na verdade, bombeiros bastante involuntários. (COUTO, 2009, p.16)

Em segundo lugar, podemos afirmar que a hesitação é, sim, experimentada por uma personagem, no caso, o narrador, que permanece a olhar o amigo planando sem entender “fato”. Chega, em determinado momento, a focá-lo melhor e a cena flagrada o intriga mais ainda: “Seu rosto exalava tais serenidades que parecia dormir. As pernas, estendidas como flamingo, cruzavam nos tornozelos, os braços almofadando a cabeça. Parecia apanhar banhos de céu. Que coisa passaria em sua mente?” (COUTO, 2009, p.17). Por outro lado, sua intenção de chamar os bombeiros e imaginar o que se passava na mente de Zuzé revestem-se de uma naturalidade kafkiana.

Por um momento, a atenção do narrador se desvia para uma moça que se encontrava também no local e chorava. A tarde chegara, todos se retiraram, restando apenas os dois. Ela rezava pedindo por chuva para que Zuzé, sua paixão, não secasse ao sol: “Que a moça tivesse invocado os certos espíritos ou fosse capricho das forças naturais: a verdade é que, no instante, começou a chover. E choveu nos dois seguintes dias.” (COUTO, 2009, p.17). Nova expectativa: debaixo de guarda-chuvas, os observadores acreditavam que com o peso da no corpo, Zuzé desandaria. Mas parou de chover e o fato se torna atração pública, desencadeando negócios comerciais, o que evidencia novamente a mescla do fantástico ao humor e à sutileza nas críticas sociais:

O voo de Zuzé já era um atractivo da cidade. Negócios rios se instalaram. Turistas adquiriam bilhetes, cicerones do fantástico explicavam versões inéditas de como Zuzé nascera com penas no sovaco e descendia de uma família de secretos voadores. O fulano era o congénito destrapezista. O próprio tio alugava um megafone para que enviassem men e votos de boas bênçãos. Até eu paguei para falar com o meu velho amigo. Quando, porém, me vi com o megafone não soube o que dizer. E devolvi o instrumento.

De facto, vieram as autoridades devidas, por via do chefe máximo das forças policiais se fizeram ouvir por devido altifalante:

? *Desça em nome da lei!*

O político por trás lhe segredava as deixas. As massas, os eleitores, ansiavam por um desempenho.

? *Continue a dar ordens. Continue, mais firme!* ? incitava o político. O porta-voz obedecia, estridenteando:

? *O seu comportamento, caro concidadão, é verdadeiramente antidemocrático.*

Contra os direitos humanos, bichanava o político. Contra a imagem de estabilidade de que a nação carecia, ainda acrescentou falante. Os doadores internacionais se espantariam com o desacontecimento. Zuzé nem água ia nem água vinha. Sorria, em trejeito malandro. (COUTO, 2009, p.17-8)

Quando pensamos em assumir a terceira condição apontada por Todorov, o enredo toma um rumo inesperado; o narrador-personagem revela que se trata de um “engano”, tudo aquilo não passava de um sonho: “E, agora, pronto: ponho ponto. Nem me alongo para não

esticar engano. Pois tudo o que vos contei, o voo de Zuzé e a multidão cá em baixo, tudo isso de um sonho se tratou. Suspirados fiquemos, de alívio. A realidade é mais rasteira, feita de peso e de pés na terra.” (COUTO, 2009, p.18). Guardadas as devidas proporções, essa última frase nos conduz a uma das categorias do sonho, listadas no Dicionário de Símbolos: “o sonho mitológico, que reproduz algum grande arquétipo e reflete uma angústia fundamental e universal.” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1999, p.845). Não seria Zuzé o arquétipo do homem original, sem pecado, leve e livre, que desconsidera as leis que regem a vida na sociedade mundana, desafiando até mesmo as leis da gravidade ao planar liz como “águia real”, “aero-anjo”?

Logo, é oportuno refletirmos sobre o sonho como espaço utópico, que corrobora a existência do fantástico e a inversão de valores representada por Zuzé. Segundo Michel Foucault,

As utopias são os posicionamentos sem lugar real. São posicionamentos que mantêm com o espaço real da sociedade uma relação geral de analogia direta ou inversa. É a própria sociedade aperfeiçoada ou é o inverso da sociedade mas, de qualquer forma, essas utopias são espaços que fundamentalmente são essencialmente irreais. (1984, p.415)

E, ainda, além de o espaço onírico se impor, todo o enredo se apresenta em uma indeterminação de tempo e espaço. Não se sabe com precisão onde e quando transcorrem os acontecimentos, o que, de certa forma, acaba por conferir à narrativa um caráter de universalidade.

Mas o conto não se encerra aí. No dia seguinte, ao acordar, o narrador decide ir até lugar em que Zuzé era observado pairando no ar, para se certificar de seu devaneio. Chegando lá, encontra tudo quieto, sem voadores humanos. Porém é surpreendido pela presença da moça, a mesma do sonho:

De repente, vi a moça. A mesma do sonho. Ela, sem tirar nem opor. E, para mais, continuava olhando os céus. Me cheguei e ela, sem deixar de olhar para o firmamento, sussurrou:

? *Já não o vejo. E o senhor?*

? *Eu, o quê?*

? *O senhor consegue ver Zuzé?*

Menti que sim. Afinal, mais valia um pássaro. Mesmo de fingir. Deixássemos Zuzé voar, ele já não tinha onde tombar. Neste mundo, não há pouso para aves dessas. Onde ele anda, é outro céu. (COUTO, 2009, p.19)

A atmosfera de suspense e de mistério, que parecia ter findado mediante a revelação do narrador de que tudo não passara de um sonho, retorna agora com intensidade, estreitando as fronteiras entre o real e o onírico. Habitando os dois mundos, a moça é o elo entre o fantástico e a realidade e, talvez, mais do que isso, entre o mundo natural e o sobrenatural, entre o racional e o irracional, promovendo a coexistência dessas duas ordens, de onde emerge a ambiguidade do fantástico. Optando por uma realidade fantástica ou por uma fantasia real, o narrador-personagem confirma o que afirma Paul Valéry, em “Estudos e fragmentos sobre o sonho”:

O sonho nunca realiza esse *acabado* admirável que a percepção atinge durante a vigília e a claridade. [...] No sonho, o pensamento não se distingue do viver e não perde tempo com ele. Adere ao viver; adere inteiramente à simplicidade do viver, à flutuação do ser sob os rostos e as imagens do *conhecer*. (1999, p. 94)

Assim, é-nos dada a oportunidade de refletir sobre a terceira necessidade mencionada por Todorov: assumir certa atitude para com o texto, recusando a interpretação alegórica e a interpretação poética. Talvez a melhor solução, no entanto, seja adotar o princípio de Montague Rhodes James: “Às vezes é necessário ter uma porta de saída para uma explicação natural, mas deveria acrescentar: que esta porta seja estreita para que não se possa usá-la.” (1924, *apud* TODOROV, 2007, 31). O prazer do texto reside em vivê-lo tal como ele é, permitindo-se enredar em suas teias narrativas, pois é de situações intrigantes, como a do conto “O homem cadente”, que se compõe essa envolvente arte de Mia Couto.

Queremos também focalizar a capacidade inventiva do escritor na recriação linguística, fazendo metáfora do cotidiano, suscitando uma prosa poética em que se conjugam simplicidade e lirismo, tornando essa recriação de expressões populares da língua portuguesa uma recriação da própria realidade. É frequente o uso de neologismos, de termos próprios da cultura africana, de reconstrução de expressões populares na construção de uma narrativa que questiona com sutileza e poeticidade nossos valores aparentemente alicerçados, subvertendo nossas leis naturais. Há frases que se assemelham a versos e parágrafos que mais parecem estrofes, dadas as sonoridades e o ritmo:

Enquanto corria, meu coração se constringia. Antevia meu velho amigo estatelado na calçada. Que sucedera para se suicidar, o? Que tropeção derrubara a sua vida? Podia ser tudo: os tempos de hoje são lixívia, descolorindo os encantos.

[...]

Se sim, vinha mais lento que o planar do planeta pelos céus. (COUTO,2009, p. 15)

? *Aquilo, meus senhores, é o Cristo descrucificado.*

[...]

Não fosse o respingar de sua voz, ladainhando. Continuava chorando? (COUTO,2009, p. 16)

E, agora, pronto: ponho ponto. (COUTO,2009, p. 18)

Menti que sim. Afinal, mais valia um pássaro. Mesmo de fingir.

[...]

Neste mundo, não há pouso para aves dessas. Onde ele anda, é outro céu. (COUTO,2009, p. 19) (grifos nossos)

Mia Couto, em um estilo aparentemente simples, tece uma narrativa lírica com esse fio de silêncio que costura o tempo, fazendo fecundar um questionamento acerca de nossas certezas, de nossa vida em sociedade, fomentando uma das mais belas funções da literatura: a catarse. Ao seguirmos nossos sonhos ? motor de nossa existência ? , tornamo-nos mais

autênticos, mais felizes, mais leves, mesmo que nem todos nos compreendam e como Zuzé, podemos flutuar descansados em nossas verdades profundas.

Referências bibliográficas

BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 1994.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 14 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

COUTO, Mia. **O fio das missangas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: **Ditos & Escritos III - Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

GENETTE, Gérard. *Nouveau discours du récit*. Paris: Seuil, 1983.

SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginárias**. São Paulo: Edusp, 1997.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

VALÉRY, Paul. “Estudos e fragmentos sobre o sonho”. In: _____. **Variedades**. Trad. Maiza Siqueira. São Paulo: Iluminuras, 1999.

Anexo**O homem cadente
Mia Couto**

Quando me vieram chamar, nem acreditei:

? *É Zuzézinho! Está caindo do prédio.*

E as gentes, em volta, se depressavam para o sucedido. Me juntei às correrias, a pergunta zaranzeando: o homem estava caindo? Aquele gerúndio era um desmando nas graves leis da gravidade: quem cai, já caiu.

Enquanto corria, meu coração se constringia. Antevia meu velho amigo estatelado na calçada. Que sucedera para se suicidar, desabismado? Que tropeção derrubara a sua vida? Podia ser tudo: os tempos de hoje são lixívia, descolorindo os encantos.

Me aproximava do prédio e já me aranhava na multidão. Coisa de inacreditar: olhavam todos para cima. Quando fitei os céus, ainda mais me perturbei: lá estava, pairando como águia real, o Zuzé Neto. O próprio José Antunes Marques Neto, em artes de aero-anjo. Estava caindo? Se sim, vinha mais lento que o planar do planeta pelos céus.

Atirara-se quando? Já na noite anterior, mas o povo só notara seguinte dia. Amontara-se logo a mundidão e, num fósforo, se fabricaram explicações, epistemologias. Que aquilo provinha de ele ter existência limpa: lhe dava requerida leveza. Fosse um político e, com o peso da consciência, desfechava logo de focinho. Outros se opunham: naquele estado de pelicano, o cidadão fugia era de suas dívidas. Ninguém cobra no ar.

Houve até versão dedicadamente cristã. Um mirone, long longo, vestido como se coubesse numa só manga, bradejou apontando o firmamento:

? Aquilo, meus senhores, é o novo Cristo.

E o magricela prosseguiu, em berros: Cristo nos escancarou as portas de quê? Do céu, caros confrades. Do céu. Pois agora, o supramencionado Zuzé nos mostrava o caminho celestial. E fazia-o sem ter que morrer, o que era uma reconhecida vantagem.

? *Aquilo, meus senhores, é o Cristo descrucificado.*

Mandaram que calasse. Outros, mais práticos, se ocupavam com o que se iria seguir. E vaticinavam um fim, enfim:

? *O tipo vai demorar assim, uma infinidade de dias.*

? *Vai é morrer de sede e fome.*

Se nem na terra se comia nas vigentes condições, quant menos nas nuvens. A mim me abalava era a urgência de meter mãos na obra. Alguém devia fazer a certa coisa. E gritei, entre os zunzuns:

? *Chamaram os bombeiros?*

Sim, mas estavam em greve. Estivessem no activo faria diferença: eles não tinham carros, nem escada, nem vontade. Eram, na verdade, bombeiros bastante involuntários.

Fazia-se tarde, as pessoas reentravam. Ficaram uns quantos, s e silenciosos. Voltei a olhar o céu e foquei melhor o meu amigo Zuzé. Seu rosto exalava tais serenidades que parecia dormir. As pernas, estendidas como fiamingo, cruzavam nos tornozelos, os braços almofadando a cabeça. Parecia apanhar banhos de céu. Que coisa passaria em sua mente?

Foi quando notei, a meu lado, a moça chorando. Era tão miúda que confundi ser sua filha. Cheguei mesmo a perguntar à jovem. Que filha? Era, sim, sua paixão escondida. Aquilo se convertia em assunto de novela, drama sem faca nem Nem valia querer saber. A moça não tinha outra explicação senão a lágrima.

Aos poucos, se retiraram todos. Fiquei eu e a moça. Ela se encostou em meu ombro, parecia adormecida. Não fosse o respingar de sua voz, ladainhando. Continuava chorando? Não. Rezava. Ela rezava para que chovesse. Ao menos, ele beberia gotinhas do céu e não secaria como o tubarão em salmoura. Que a moça tivesse invocado os certos espíritos ou fosse capricho das forças naturais: a verdade é que, no instante, começou a chover. E choveu nos dois seguintes dias.

Onde nada se passa, tudo pode acontecer. E a multidão foi rendendo, em turnos. Guarda-chuvas encheram o espaço e os receios começaram a ganhar voz:

? *A chover assim, o tipo vai ensopar, ganhar peso e desandar por aí abaixo.*

Os deuses tivessem ouvidos. Parou de chover. E os dias seguintes prosseguiram como se o próprio ar tivesse parado. O voo de Zuzé já era um atractivo da cidade. Negócios vários se instalaram. Turistas adquiriam bilhetes, cicrones do fantástico explicavam versões inéditas de como Zuzé nascera com penas no sopro e descendia de uma família de secretos voadores. O fulano era o congénito destrapezista. O próprio tio via um megafone para que enviassem mensagens e votos de boas bênçãos. Até eu paguei para falar com o meu velho amigo. Quando, porém, me vi com o megafone não soube o que dizer. E devolvi o instrumento.

De facto, vieram as autoridades devidas, por via do chefe máximo das forças policiais se fizeram ouvir por devido altifalante:

? *Desça em nome da lei!*

O político por trás lhe segredava as deixas. As massas, os eleitores, ansiavam por um desempenho.

? *Continue a dar ordens. Continue, mais firme! - incitava o político. O porta-voz obedecia, estridenteando:*

? *O seu comportamento, caro concidadão, é verdadeiramente antidemocrático.*

Contra os direitos humanos, bichanava o político. Contra a imagem de estabilidade de que a nação carecia, ainda acrescentou o falante. Os diálofos internacionais se espantariam com o desacontecimento. Mas Zuzé nem água ia nem água. Sorria, em trejeito malandro.

E, agora, pronto: ponho ponto. Nem me alongo para não enganar. Pois tudo o que vos contei, o voo de Zuzé e a multidão cá em baixo, tudo isso de um sonho se tratou. Suspirados fiquemos, de alívio. A realidade é mais rasteira, feita de peso e de pés na terra.

Mas eu, no dia seguinte, não estava certo do meu sossego. E fui ao local para me certificar de quanto eu devaneara. Encontrei tudo arrumado no regime da cidade. Lá estava o céu, vazio de humanos voadores. Só o competente azul, a evasiva nuvem. E os pássaros mais sua avegação. E mais a praça, bem terrestre, desumanamente humana. Tudo sem notícia, tudo pouco sonhável.

De repente, vi a moça. A mesma do sonho. Ela, sem tirar nem opor. E, mais, continuava olhando os céus. Me cheguei e ela, sem deixar de olhar para o firmamento, sussurrou:

? *Já não o vejo. E o senhor?*

? *Eu, o quê?*

? *O senhor consegue ver Zuzé?*

Menti que sim. Afinal, mais valia um pássaro. Mesmo de fingir. Deixássemos Zuzé voar, ele já não tinha onde tombar. Neste mundo, não há pouso para aves dessas. Onde ele anda, é outro céu.